

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

JÉSSICA BILTCHES COSTA

**UMA LEITURA DE *INOCÊNCIA*: A VISÃO NADA INOCENTE DO
PAPEL DA MULHER NO REGIONAL**

JAGUARÃO

2018

JÉSSICA BILTCHES COSTA

**UMA LEITURA DE *INOCÊNCIA*: A VISÃO NADA INOCENTE DO
PAPEL DA MULHER NO REGIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras- Português e Espanhol da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras Português e Espanhol (Literatura).

Orientador: Luís Fernando da Rosa Marozo

JAGUARÃO

2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

C837I Costa, Jéssica Biltches

Uma leitura de Inocência: A visão nada inocente do papel da mulher no regional/ Jéssica Biltches Costa.

42 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS - HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/ESPANHOL E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2018.

"Orientação: Luís Fernando da Rosa Marozo".

1. Inocência. 2. Regional. 3. Gênero. I. Título.

JÉSSICA BILTCHES COSTA

UMA LEITURA DE INOCÊNCIA: A VISÃO NADA INOCENTE DO PAPEL DA
MULHER NO REGIONAL

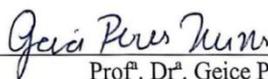
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Letras - Português
e Espanhol e suas respectivas literaturas da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 11, dezembro de 2018.

Banca examinadora:



Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa Marozo
Orientador
Unipampa



Prof. Dr. Geice Peres Nunes
Unipampa



Prof. M.ª Maria Elia Gonçalves Martins
Instituto Estadual de Educação Espírito Santo/ UNOPAR

Dedico este trabalho a todas as mulheres da minha família, pois foi por elas e através delas que eu cheguei aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao programa de governo, do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, que através da Reestruturação e Expansão do Ensino Superior- Reuni ampliou as vagas para as universidades públicas e possibilitou que mais mulheres tivessem acesso à educação pública de qualidade. Além disso, agradeço a universalização do Enem que estabeleceu a lei de cotas nº 12.711/2012, e garantiu a minha vaga por meio da reserva de 50% das matrículas a alunos oriundos do ensino público e de vulnerabilidade social.

Sou muito grata a Universidade Federal do Pampa, por todo conhecimento e crescimento proporcionado. Pelo meu desenvolvimento intelectual, pelas minhas experiências em projetos de pesquisa, pela bagagem cultural adquirida e amadurecimento pessoal. A partir do contato com realidades socioculturais distintas da minha que me modificaram enquanto ser humano e me possibilitaram entender o meu lugar no mundo e a valorizar o que eu sou.

Agradeço aos professores de Letras que me inspiraram e me mostraram a beleza do ato de ensinar e a paixão pelo saber.

Aos colegas de curso e, principalmente, aos do segundo semestre do ano letivo de 2013; turma na qual entrei e que compartilhou comigo muitos momentos bons.

Agradeço aos amigos pessoais e a minha irmã por terem acreditado em mim e por terem sido os meus incentivadores na busca por este sonho.

Aos amigos de Jaguarão que contribuíram para a minha permanência na cidade e na construção de novos sentidos para a minha vida, no afeto e no acolhimento proporcionado durante longos cinco anos.

Ao meu orientador Prof. Dr. Luis Fernando da Rosa Marozo por abraçar o meu trabalho, pela paciência e pela amizade.

À minha família, mãe, pai, irmãos e tias, que não mediram esforços e contribuíram das mais diversas formas para a concretização desta trajetória.

Levanto a minha voz, não para que eu possa gritar, mas para que aqueles sem voz possam ser ouvidos...

Malala Yousafzai

RESUMO

O presente trabalho analisa a predominância da visão patriarcal e cristã sobre o feminino no espaço regional a partir do romance *Inocência* de Visconde de Taunay. A literatura, como defende Antônio Cândido, é resultado de um sistema político, cultural e social que nos permite relacionar o universo ficcional com a realidade. Assim, o objetivo deste trabalho é partir do meu lugar de leitora, enquanto mulher advinda de um espaço regional, tanto no âmbito da construção ficcional idealizada quanto pela repercussão em minha experiência/vivência para refletir as marcas da tradição. Neste sentido, através da personagem Pereira, que representa o espaço regional e os valores religiosos em contraponto com a personagem Cirino, que representa uma visão urbana e cientificista, encontra-se a personagem Inocência que pelo silêncio e pelas marcas de vigia demonstram o papel da mulher naquele universo regional. Assim, a escolaridade pode contribuir para a mudança de papéis sociais de gênero que se apresenta entre a leitora e a personagem Inocência.

Palavras-Chave: Gênero. Regional. Inocência.

RESUMEN

El presente trabajo analiza la predominancia de la visión patriarcal y cristiana sobre el femenino en el espacio regional a partir de la novela *Inocencia* de Visconde de Taunay. La literatura para Antônio Cândido es un sistema político, cultural e social que nos permite que entienda la realidad. El objetivo de ese trabajo es partir de mi lugar de lectora, en cuanto una mujer proveniente de un espacio regional, tanto en el ámbito de la construcción ficcional idealizada, cuanto por la repercusión en mi experiencia/vivencia para reflexionar las marcas de la tradición. En este sentido, través del personaje Pereira, que representa el espacio regional y los valores religiosos en contrapunto con el personaje Cirino, que representa una visión urbana e cientificista, se encuentra el personaje Inocencia que por el silencio y por las marcas de la vigía demuestran el papel de la mujer en aquel universo regional. Así, la escolaridad puede contribuir para el cambio de los papeles sociales de género que se presentan entre la lectora y el personaje Inocencia.

Palabras-llave: Genero. Regional. Inocencia.

Sumário

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1. Formação Acadêmica..... | 13 |
| 1.2. A Leitura..... | 14 |
| 2. A INFLUÊNCIA CRISTÃ | 17 |
| 2.1 – Os Espaços no Romantismo..... | 20 |
| 3. O ESPAÇO REGIONAL E A INFLUÊNCIA CRISTÃ EM <i>INOCÊNCIA</i> | 27 |
| 3. UMA LEITURA DA TERCEIRA MULHER | 39 |
| 4. CONCLUSÃO | 42 |
| REFERÊNCIAS..... | 43 |

1. INTRODUÇÃO

Eu, mulher, branca, de orientação cristã, sou descendente de imigrantes espanhóis que migraram para o interior de São Paulo no início do século XX com o intuito de fugir da Primeira Guerra Mundial. Minha tataravó, ao perder um de seus filhos na guerra encontrou-se obrigada a rumar com seus outros filhos para o Brasil. Diante de tais circunstâncias, chegaram aqui e trabalharam em lavouras de café. Apesar de nascer em São Paulo, capital; sou de uma família de cinco gerações crescidas no interior, longe dos grandes centros, mas que teve pouco contato com a roça, pois no final do século XX, a região em que habitava minha família passou por um processo de urbanização.

A partir da segunda metade do século XX, com a industrialização tardia brasileira e a concentração de indústrias próximas à capital de São Paulo, mais uma vez, a minha família migrou: a minha avó com os seus filhos se dirigiram à capital, em busca de melhores condições de trabalho e de vida. Entretanto, uma parte da família voltou para a sua terra de origem, para cultivar café e para plantar ervas.

A ausência da figura paterna, fez das mulheres de minha família uma representação da força feminina. Minha história aponta para lutas, para pequenas rupturas e para conhecimentos ditos “masculinos”, como por exemplo, o cultivo da terra. Por isso, este trabalho de conclusão de curso procura refletir sobre o espaço regional tanto no âmbito da construção idealizada pela literatura quanto pela experiência/vivência e suas formas de interditos neste espaço.

Advinda de uma cultura sertaneja e de uma família predominantemente cristã e agrária; sou a primeira geração de minha família que conseguiu entrar em uma faculdade e ter contato com a ciência e as letras. O interessante é que a instituição que cursei também faz parte de um processo político de interiorização das universidades e que busca levar a ampliação do número de graduandos para regiões de fronteira.

Quando cheguei à Unipampa/Jaguarão reconheci neste espaço marcas que estavam presentes na minha região. A experiência de estudar letras, distante de minha casa, mas em um interior, despertou-me para muitas diferenças e algumas semelhanças, as quais, hoje entendo, são resultados do desenvolvimento regional mais amplo, caracterizado por uma tradição agrária com fortes marcas de religiosidade e a predominância de uma visão patriarcal. Tais aspectos são fundamentais para a criação de interditos em relação ao comportamento feminino que podem ser recuperado na formação da literatura regional brasileira, durante o Romantismo, no século XIX.

1.1. Formação Acadêmica

A participação em três projetos foi decisiva para a escolha do tema deste trabalho de conclusão de curso: o PIBID (Programa de Iniciação a Docência), orientado pelo professor doutor Luís Fernando da Rosa Marozo, cuja função era proporcionar aos alunos da graduação acesso às escolas e ao início de sua profissão como docente. Tal projeto tinha como foco a formação do leitor e partia do princípio que todo professor deve ser um leitor tanto dos livros como do mundo. Assim, este projeto contribui porque comecei a perceber e relacionar as leituras como as minhas experiências e histórias.

O segundo projeto foi o de Literatura Gauchesca, orientado pelo professor doutor Carlos Rizzon. Neste abordamos o estudo do espaço regional, mais especificamente a cultura gauchesca, mas também as diferentes fases da literatura regional na literatura brasileira. Percebi como a literatura em momentos distintos caracterizou o regional, mas como este espaço apesar de suas diferentes representações, guardava alguns traços característicos como a carga moral e patriarcal.

As participações de coletivos feministas e de disciplinas teóricas que abordavam a temática me levaram ao terceiro projeto, orientado pela professora doutora Ana Boéssio, sobre os estudos do feminino. O projeto

intitulado, *Representações do feminino na Literatura*, abordava as personagens femininas e suas representações. Este projeto possibilitou perceber o meu lugar enquanto mulher e quais os papéis que me eram cobrados.

Assim, o resultado deste trabalho de conclusão vem de um processo reflexivo que desenvolvi no curso de letras e que possibilitou relacionar minha história e a leitura do romance *Inocência*, de Visconde de Taunay. A personagem que nomeia a narrativa é educada longe do mundo e vive seu último ano em um regime autoritário. Dois anos depois de sua morte, o Dr. Guilherme Tembel Meyer apresenta aos entomólogos do mundo a *Papilio Innocentia*, uma borboleta até então desconhecida em homenagem à Inocência, a moça do sertão de Santana do Paranaíba, da Parte sul oriental do Mato Grosso.

Assim como Taunay une seu conhecimento prático do país, adquirido pelas inúmeras viagens na condição de militar, ao seu agudo senso de observação da natureza e da vida social do Sertão brasileiro; busco unir a leitura desta obra representativa do romantismo brasileiro com os estudos do regional, do feminino e da minha reflexão enquanto mulher que também cresceu em uma região afastada dos grandes centros.

1.2. A Leitura

A ideia de abordar *Inocência*, de Visconde de Taunay, surgiu no momento em que era iminente a escolha para o tema do meu trabalho final do curso. Procurava algum texto ficcional regional que representasse a minha cultura e que tratasse sobre a mulher, ou seja, já sabia o que gostaria de abordar, mas não conseguia encontrar um romance regional escrito por mulher. Nesta busca, encontrei a narrativa de Taunay, que em homenagem ao romance, nomeia uma cidade do interior do Mato Grosso, cidade que está muito próxima de onde cresci Santa Fé do Sul.

A leitura me fez voltar ao meu espaço. A descrição do Cerrado e a caracterização de algumas personagens produziu um efeito de espelhamento em mim. Identifiquei-me com a linguagem “caipira” do sertanejo e apesar da obra ser datada do século XIX tinha ecos na minha linguagem. Mais especificamente, interessou-me os costumes que são retratados no romance e que fazem parte da configuração social da sociedade do século XIX. Este mergulho ficcional e histórico me proporcionou a construção de memórias, questionamentos e reflexões acerca de como foi construído o papel da mulher e como essa construção está aliada a instituições que possuem tradições e implicam a permanência de desigualdades e violência de gênero ao longo dos tempos. Assim, o romance “Inocência” que pertence ao período romântico brasileiro e foi escrito no ano de 1872 serve de mote para este trabalho intitulado: *Uma leitura de Inocência: A visão nada inocente do papel da mulher no regional*.

O intuito é mostrar a influência de uma tradição religiosa, marcante na formação do Romantismo brasileiro e no projeto de construção nacional. Para isso, no capítulo 2, tratarei do Romantismo e como os escritores mapearam os espaços nacionais. Primeiro recuperando a visão de uma tradição anterior que surge ainda na carta de achamento, para depois ampliarem e tratarem entre outros do espaço regional. A formação dos escritores em colégios jesuítas contribuiu para a incorporação da tradição cristã nos valores dos românticos.

No capítulo 3, abordarei a romance *Inocência* e uma leitura que privilegiará o espaço do sertão em contraposição ao urbano e a influência religiosa, principalmente em Pereira, personagem que representa o homem sertanejo. A ideia é relacionar o universo ficcional a realidade que vivi e ainda vivo. Assim, o romance, apesar da distância temporal, ainda repercute muito no presente de quem vive na realidade regional, principalmente as mulheres, pois neste espaço, o patriarcado e a baixa escolaridade reforçam tais valores com a formação de papéis sociais de gênero. Assim o foco da análise será as personagens e o espaço da narrativa que é o sertão do Mato Grosso do Sul.

2. A INFLUÊNCIA CRISTÃ

Candido em *O Romantismo no Brasil* (2002, p.7) afirma que o período romântico surgiu no começo do século XIX, a partir de uma contradição no âmbito social, econômico que resulta o processo cultural. Esta contradição social e política que se dá devido às condições degradantes que a metrópole estipulara à elite colonial, impedindo intercâmbios comerciais e cobrando altos impostos, tem na primeira metade do século, uma transposição dos elementos culturais advindos da metrópole para a colônia com a presença da família real no Brasil.

Entretanto, o Romantismo é resultado de um período anterior, tal período nomeado de Arcadismo. Durante o arcadismo, surgiram as primeiras associações onde intelectuais e poetas discutiriam literatura e política. A “Academia dos Renascidos” (1759), na Bahia, foi uma das primeiras, mas, outras, foram fundadas no Rio de Janeiro e Minas Gerais. Para Cândido em *Formação da Literatura Brasileira* (2000, p.25), estes espaços possibilitaram a circulação de ideias e a literatura deixou de ser “fenômenos” isolados, de um ou outro autor, para tornar-se um sistema, no qual, um conjunto de autores escrevia para um público. Nesta perspectiva, a literatura surge como um sistema quando apresenta espaço onde escritores e leitores tratavam de assuntos sobre o desenvolvimento social, cultural da colônia.

Cândido, no entanto, não incorpora à noção de sistema literário, o processo de formação dos autores. Os principais árcades tiveram parte de sua educação em colégios Jesuítas. Cláudio Manuel da Costa, por exemplo, antes de estudar humanidades no Rio de Janeiro, Direito na Universidade de Coimbra e ter contato com as ideias iluministas; teve seus primeiros estudos com os jesuítas. O poeta, Inácio José de Alvarenga Peixoto apesar de, com apenas nove anos, ter se mudado para Portugal, onde concluiu o curso secundário e formou-se no curso de direito em Coimbra; estudou primeiramente no Colégio dos Jesuítas no Rio de Janeiro. Santa Rita Durão

também estudou lá, até os dez anos, partindo no ano seguinte para a Europa, onde se tornaria padre agostiniano. Doutorou-se em Filosofia e Teologia pela Universidade de Coimbra e, em seguida, lá ocupou uma cátedra de Teologia. Tomás Antônio Gonzaga, filho de mãe portuguesa e pai brasileiro, faz um caminho inverso ao de Alvarenga e Durão, pois nasceu em Portugal, mas com a morte da mãe, no primeiro ano de vida, mudou-se com o pai para Pernambuco em 1751, depois para a Bahia, onde estudou no Colégio dos Jesuítas. Basílio da Gama, em 1757, já órfão de pai começa a frequentar o Colégio dos Jesuítas no Rio de Janeiro. Dois anos depois, em 1759, Gomes Freire de Andrade, 1.º Conde de Bobadela, ordenaria fechar o colégio, como parte da campanha de perseguição movida pela Coroa de Portugal contra a Companhia de Jesus. O jovem Basílio, porém, manteve-se fiel à sua vocação e seguiu para Roma, à procura do apoio da igreja católica para a sua fé.

Os escritores quando retornavam ao Brasil, encontravam aqui um lugar ainda extremamente atrasado com recursos limitados para os saberes e com impostos que impossibilitavam o desenvolvimento da colônia; o que segundo Cândido (2002, p. 7), gerou o movimento que redundaria na independência e no Romantismo.

Nesse sentido, a educação religiosa é um elemento formador dos escritores, da então colônia. Ocorre que o cristianismo chega junto com as caravelas do descobrimento. Na carta de descobrimento, Pero Vaz de Caminha descreve minuciosamente o relato da viagem e revela suas primeiras impressões do povo nativo brasileiro a partir da ótica cristã, como se aqui fosse um paraíso na terra.

De acordo com Roiz; Telma (2010) Os jesuítas foram os primeiros com a função de educar, primeiramente no processo de catequização indígena, pedagogia basílica que perdurou entre 1549 a 1599. Enquanto, na Europa havia a retomada dos valores artísticos, literários e de pensamentos clássicos, onde o racionalismo e o homem passam a ser o centro do mundo, aqui persistia a educação religiosa. Mesmo no período posterior, que vai até 1759,

quando se empregava o método *ratio studiorum*, a pedagogia possuía uma visão essencialista do homem como o ideal da criação divina.

No final, do século XVII, em Portugal e em outros países da Europa há o movimento do iluminismo, concepção que se fundamentava em ideias antijesuíticas, do pensamento livre de dogmas, e busca romper os traços da Idade-Média e propor novos modelos de educação. Aqui no Brasil esta proposta chega somente depois da metade do século XVIII.

Candido (2000, p.206) afirma que a produção intelectual da colônia do século XVI, XVII e XVIII se deteve ou àqueles que passaram de algum modo pela formação jesuítica ou aos clérigos, como por exemplo, o sacerdote Antônio P. de Souza Caldas que traduziu os salmos de Davi, Elói Ottoni traduziu os provérbios e o livro de Jó e Frei Francisco do Monte Alverne que abordou a temática cristã nos seus sermões. Estes clérigos produziram uma poesia religiosa e utilizava a religião, também, como contraponto à tradição pagã da metrópole.

Se os escritores e intelectuais brasileiros, que voltavam da metrópole, por um lado, apoiavam a liberdade econômica, eram contrários à monarquia e simpatizantes da revolução francesa, defendiam as reformas educacionais baseadas no cientificismo e positivismo que estava latente em Portugal, ou seja, representavam o mundo moderno europeu; por outro, encontraram aqui forte conservadorismo religioso. (Candido, 2000, p.225)

Tal perspectiva se amplia com a chegada da família real no Brasil, em 1808. Os costumes trazidos pela corte produz uma profunda transformação no cenário político e cultural do Rio de Janeiro, pois com a corte vieram muitos homens dos saberes, cientistas, naturalistas, de várias partes da Europa (Candido, 2000, p.217).

Essa época é caracterizada como a promoção das luzes, já que com a transposição dos saberes modernos, da Europa, para a colônia, acabou-se a hegemonia intelectual dos conventos e a formação completa fora da carreira eclesiástica. Contudo, com a falta de escolas, a base educacional era precária

e os estudos somente para uma elite; o que acarretou em um alto prestígio aos intelectuais e um meio cultural pobre (Candido, 2000, 218). Neste momento, a Capela Real e depois Imperial serviu como palco da difusão da cultura intelectual, por meio da música e da oratória religiosa. Os poemas eram escritos para serem recitados, devido o número reduzido de leitores, e uma marca dessa época foi a grandiloquência, que causava efeito heróico nas manifestações patrióticas (Candido, 2000, p.37).

Os ideais iluministas com o movimento ilustrado foi bastante intenso neste período, que tinha por objetivo a independência, em que mais pessoas passaram a buscar uma formação vinda da Europa, de mais qualidade e moderna (Candido, 2000, p.225). Contudo, a presença da Igreja, ainda repercutia entre a população menos escolarizada.

De acordo com Piana, M.Cristina apud Júnior, Guiraldelli (p. 61, 2009), a primeira lei que determina a criação de escolas primárias em todas as cidades brasileiras mais populosas; só aconteceu em 1827, pela Assembleia Constituinte. Apesar de esta lei ter vigência até 1946, como a única lei geral para o ensino elementar, na prática as escolas começam a ser construídas em 1834 com a transferência da responsabilidade para as províncias. Portanto, em contraposição ao racionalismo europeu; o Brasil surgiu, formou-se e tornou-se independente tendo a religiosidade cristã como um traço fundamental.

2.1 – Os Espaços no Romantismo

Antonio Candido trata da existência de três processos que compuseram a relação da literatura brasileira, no momento romântico, com a literatura europeia que são: a transposição, substituição e invenção. A transposição consiste em se apropriar dos estilos ficcionais europeus e passá-los para o contexto brasileiro, que se deu a partir da chegada da família real no Brasil com a imprensa. A substituição consiste no processo de troca dos elementos que compõem a cultura, que se deu após o período de independência no Brasil,

com a fundação do *Instituto Histórico Brasileiro- 1838*, a revista *Niterói*, escrita por brasileiros em Paris, a revista *Minerva Brasiliense- 1843-1845* e a fundação da revista *Guanabara-1849*. A invenção resulta na transformação de um gênero narrativo em outro, ou seja, na transformação dos gêneros clássicos para o gênero romance, com temáticas nativistas.

Como tentativa de formação de uma identidade nacional e cultural, no Romantismo, o espaço adquiriu um papel fundamental tanto no sentido de apresentar a variedade do Brasil, como na perspectiva de apontar um *lôcus* primordial. A ideia de utilizar a natureza brasileira como elemento identificador da produção literária brasileira parte da visão de um francês, Ferdinand Denis, que observou a exuberância da flora como um elemento caracterizador da nossa cultura e que substituiria a tradição anterior. Assim, os românticos buscaram a imagem da natureza sugerida pela *carta de achamento* como a representação primordial, cujo espaço é descrito como o paraíso na terra, sinônimo de abundância e beleza. Tais valores, apoiados no mito de criação cristã, são recuperados pelos românticos e servem de elemento distintivo do espaço europeu (Candido, 2000, p.263).

O período colonial, que vai desde a chegada dos portugueses até o marco da independência em 1822, tem, nestes primeiros trezentos anos, três escolas literárias conhecidas por quinhentismo de 1500 a 1600, Barroco 1600 a 1768 e arcadismo de 1768 a 1836 cuja natureza vai se moldando às escolas literárias e a função estética.

A literatura dos viajantes e cronistas do Quinhentismo, mostra de modo quase sempre exagerado, a fertilidade do solo, as condições de vida dos índios e dos donatários das capitanias hereditárias. A *Carta*, de Pero Vaz de Caminha, é o primeiro texto a enaltecer a paisagem brasileira, é o primeiro registro documental do início da literatura no Brasil. O ufanismo, isto é, a exaltação das qualidades da terra, será tema de diversos autores, até a primeira metade do século XVIII. São exemplos de ufanismo: a *História da província de Santa Cruz* (1576), de Pero Magalhães Gândavo; *Diálogos das grandezas do*

Brasil (1618), *Tratado descritivo do Brasil* (1587), de Gabriel Soares de Sousa; *Notícias curiosas e necessárias das cousas do Brasil* (1668), de Simão Vasconcelos; *Frutas do Brasil* (1702), de Antônio do Rosário; *História da América Portuguesa*, de Sebastião da Rocha Pita. O espanto do europeu, ante as novidades da terra, levou os autores facilmente ao exagero. Criou-se a imagem de uma terra grandiosa, de um verdadeiro paraíso sobre a terra. Esse forte sentimento de nativismo e de ufanismo dos cronistas acabou por contaminar a poesia.

No Barroco, a visão da natureza está ligada aos deuses da mitologia greco-romana e, também, a sacralidade da terra pela mitologia cristã como contraponto a reforma protestante e aos valores racionalistas. São exemplos deste período, o poema épico de Bento Teixeira- *Prosopopeia* que descreve o Recife de Pernambuco, inferindo ao deus Netuno, deus romano do mar, e o *Sermão de Santo Antônio*, do Padre Antônio Vieira, prosa que trata a corrupção como o sal, da terra que não se deixou salgar, onde ele utiliza a pregação de Santo Antônio aos peixes, como alegoria dos vícios e virtudes dos homens. Neste sentido, é possível notar a relação intrínseca da natureza e do homem com o poder divino de Deus.

No Arcadismo, por sua vez, a natureza é exaltada pela sua simplicidade e tranquilidade. Em uma sociedade que começa a ser urbanizada e industrializada, os poetas com pseudônimos e dentro de Arcádias retornam a um tempo e espaço imaginado e invocam o refúgio ao campo. Entretanto, à natureza bucólica, vinculada aos valores clássicos do arcadismo europeu, surge mesclado em alguns poemas, ao espaço brasileiro. Em *Marília de Dirceu*, de Tomaz Antonio Gonzaga, apesar de o espaço campestre e o estilo de vida bucólico ganharem a centralidade na expressão do eu lírico, o pastor Dirceu, que aspira por um ideal de vida ao lado de Marília; a natureza brasileira surge, como por exemplo, na “Lira 54” em que são enumeradas as marcas registradas das terras brasileiras, no que elas têm, aparentemente, de mais característico – “sombra das palmeiras”, “sabiá terno e melodioso”.

Em *Uruguai*, de Basílio da Gama, a natureza tem uma forte relação com a mitologia indígena e representa a liberdade perdida e a destruição com a presença dos jesuítas. Antonio Candido reconhece a identificação de Gama com a “realidade física da terra e do índio”, ao perceber “o diálogo das culturas, do ângulo americano”, mas distancia sua “boa vontade” para com os índios do indianismo romântico, considerando o poema “antes um tema arcádico transposto em roupagem mais pitoresca” (Candido, 1992, p. 161-185). No diálogo, no Canto Segundo, entre o General Gomes Freire de Andrade e Cacambo é possível perceber a lógica do índio para convencer o General de voltar atrás em seus intentos de tomar as missões jesuíticas e as terras indígenas. Em tal passagem o índio articula racionalmente seu pensamento com a mesma retórica do europeu, para defender os seus direitos a terra. Cacambo não é o selvagem bárbaro, inocente, ignorante, como foi pintado o índio em 1500 por Caminha.

Em *Cartas Chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, há um conjunto de poemas nos quais a natureza presente é a selva brasileira, mas relacionada à mitologia clássica como tentativa de valorização da terra. Figuras mitológicas híbridas como a ninfa Eulina relaciona-se ao mito indígena da sereia Iara. Outro exemplo é Filiponte, que do Greco-romano significa ponte e visa ligar as tradições dos desbravadores com a terra selvagem. Neste sentido, é importante ressaltar que a poesia dos ditos árcades ultramarinos apresentaram tonalidades convencionais específicas da terra brasileira, no tratamento dado à América Portuguesa e às Minas Gerais; entretanto, os poetas estão vinculados também à condição sociocultural de quem nasceu e foi criado no Brasil colonial, integrados ao pensamento ilustrado e neoclássico europeu.

A imagem da natureza ressaltada por suas belezas naturais e comparada ao paraíso bíblico ainda persiste nos primeiros românticos com formação católicas como o frei Francisco de São Carlos. Domingos Borges de Barros retratou o sentimento ligado à natureza, onde a natureza passa a ser expressão do estado de espírito do eu lírico. Entretanto, o nome mais

conhecido é Gonçalves de Magalhães que trata em suas poesias o sentimento de nostalgia ligado à natureza de sua pátria (Candido, 2000, p.48).

Em *A Confederação dos Tamoios*, a natureza serve de tema central no qual se liga ao sentimentalismo, ao nacionalismo e à religiosidade. O livro trata-se de uma epopeia indianista, anti-lusitana que pertence à primeira fase do Romantismo brasileiro. Ao longo de seu enredo, Gonçalves de Magalhães narra, com uma mescla de ficção e de historicidade, a batalha, que é homônima ao título do livro, entre os índios tupinambás e os portugueses, ocorrida nos anos de 1556 e 1557. Os personagens principais da obra são os tamoios, descritos como um povo forte, guerreiro, destemido e com sede de vingança pelas crueldades que os lusitanos cometeram contra seus descendentes. Nessa luta, os franceses aparecem como seus aliados, apesar de não ganharem destaque ao longo da trama. Além disso, Magalhães também expõe sua afeição aos jesuítas, ao colocá-los como homens bons, preocupados com o bem dos índios, em oposição aos portugueses leigos, cruéis, que escravizam e matam os povos autóctones do Brasil (Candido, 2000, p.55). Tanto no primeiro canto, como ao longo de todo o poema, há a personificação da natureza, como um sentimento que une os diferentes povos autóctones. Além disso, é um elemento bastante explorado pelo autor tanto na descrição de regiões brasileiras, como a Amazônia, bem como na narração de alguns fatos, diante dos quais os animais e as árvores exprimem reações humanas.

Contudo, a natureza vai aproximar-se mais da visão indígena com Gonçalves Dias, no poema, *Juca-Pirama* que tratou o espaço com exaltação e como forma de exprimir os valores grandiosos de bravura e honra da nação indígena. O nome do poema, *Juca-Pirama*, escrito em tupi significa, “o que há de ser morto e que é digno de ser morto”, desta forma, o ritual antropofágico demonstra que o medo e a fraqueza são indignos e inaceitáveis para os heróis, mas comuns a todos os homens (Candido, 2000, p.75). O poema possibilita ainda uma imersão na visão de mundo de um homem que defende e valoriza

seu território e, ao mesmo tempo, sofre as consequências de processos sociais de dominação, nos remetendo a questões territoriais e regionais do Brasil.

Do ponto de vista espacial, o romântico que mapeia e constrói as várias diretrizes é José de Alencar. Com a crítica a “A Confederação dos Tamoios”, Alencar enfatiza que Magalhães ao tratar da temática indianista em uma epopeia continua reproduzindo um modelo europeu (Candido, 2000, p.200), e aponta para seu projeto um novo gênero para uma nova nação: o romance.

Alencar sistematizou aproximadamente vinte romances. O gênero romance, conferia naquele momento liberdade discursiva para tratar dos temas relativos a história, política, economia, moral, exprimindo o lirismo com o estudo da realidade, das relações humanas e sociais. Trata-se de um gênero aberto, universal e acessível (Candido, 2000, p.97).

A invenção se dá pela forma como ele inovou na linguagem ao trazer as temáticas nativistas para o romance e caracterizar as personagens de acordo com cada região. Alencar trata do urbano em *Lucíola* (1862) e em *Senhora* (1875); traz o espaço e a vida do nativo indígena nos romances míticos, *O Guarani* e *Iracema*-1865. No primeiro romance, ele dota o índio com ideais de nobreza e bravura e, no segundo romance, trata do nascimento do Brasil resultante da relação da cultura indígena e europeia.

O romance histórico, *As minas de prata*-1859 a 1865 é um romance que visou fundar um passado. Os romances regionais tratam a região do Rio Grande do Sul, de São Paulo e do Ceará em que ele traz as figuras do gaúcho e do sertanejo. Além de Alencar, outros romances que trazem o regional são: *O casamento no arrabalde*-1869 de Franklin da Silveira Távora no qual há uma idealização em excesso da natureza e das personagens pelo caráter físico e moral. Desta forma, com sentimentalismo e ideais de justiça e igualdade, o narrador tece crítica social aos valores que permeavam as relações humanas da época (Candido, 2000, p.200).

É desta vertente que advém *Inocência*-1872 de Visconde de Taunay. No romance a natureza é descrita com fidelidade de detalhes e representa as

características das personagens, personalidade e estilo de vida. Também, representa os estados emocionais da alma. Deste modo, a personagem principal e a natureza são idealizações de imaculabilidade, essência divina, onde a mulher é construída a imagem da Virgem Maria.

3. O ESPAÇO REGIONAL E A INFLUÊNCIA CRISTÃ EM *INOCÊNCIA*

O romance, *Inocência*, publicado em 1872, foi escrito pelo físico, historiador, professor, político, sociólogo e escritor brasileiro Alfredo d'Escragno Taunay que nasceu em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, em 1843 em uma família aristocrática de origem francesa.

Inocência, considerado o melhor romance sertanejo do Romantismo, retrata a vida rústica do sertanejo, a paisagem, os hábitos, os costumes, os tipos humanos com pouca dose de idealização e fantasia. O romance está estruturado em trinta capítulos e o epílogo. Os capítulos são nomeados de acordo com o espaço e com as personagens: *O Sertão e o Sertanejo*, *O Viajante*, *O Doutor*, *A Casa do Mineiro*, *Aviso Prévio*, *Inocência*, *O Naturalista*, *Os Hóspedes da Meia- Noite*, *O Medicamento*, *A Carta de Recomendação*, *O Almoço*, *A Apresentação*, *Desconfianças*, *Realidade*, *Histórias de Meyer*, *O Empalamado*, *O Morfético*, *Idílio*, *Cálculos e Esperanças*, *Novas Histórias de Meyer*, *Papilio Innocentia*, *Meyer Parte*, *A Última Entrevista*, *A Vila de Sant'ana*, *A Viagem*, *Recepção Cordial*, *Cenas Íntimas*, *Em Casa de Cesário*, *Resistência de Corça*, *Desenlace*, *Epílogo*, *Reaparece Meyer*.

Em *Inocência*, a natureza do sertão mato-grossense é o tema principal que visa à construção da figura do sertanejo no romance regional. No capítulo I, o narrador descreve primeiramente a localização geográfica deste sertão que, em seguida, introduz detalhes da vegetação arbórea do cerrado distinguindo-o assim, em suas peculiaridades.

Neste sentido, o narrador, parte da descrição de um contexto mais amplo, o sertão, para um contexto mais restrito, a Vila de Santana, A casa e, posteriormente, o quarto. Quando apresenta o espaço inicial, o narrador marca a extensão e o isolamento como elementos caracterizadores como é possível perceber:

Corta extensa e quase despovoada zona da parte sul-oriental da vastíssima Província de Mato Grosso a estrada que da Vila de Sant'Ana do Paranaíba vai ter ao sítio abandonado de Camapuã. (Taunay, 2010, p.7)

Com esta passagem, o narrador mostra a paisagem totalmente rural que ainda permeia o sertão no final do século XIX e pela vegetação ser virgem, a dificuldade em se adentrar nestas vastidões que são abertas por meio de faixas na areia e onde as bifurcações nas trilhas podem levar a lugares diversos.

Depois disso, ele descreve o cerrado e o compara com a vegetação de São Paulo e Minas Gerais que possuem a floresta invertida, composta por árvores pequenas de raízes profundas, e aponta para um cerrado de copas mais altas e folhagens abundantes, heterogêneo, de grande biodiversidade:

Ora, é a perspectiva dos cerrados, não desses cerrados de arbustos raquíticos, enfezados e retorcidos de São Paulo e Minas Gerais, mas de garbosas e elevadas árvores [...] (Taunay, 2010, p. 8).

Pelo uso dos adjetivos é possível perceber que o narrador valoriza aquele espaço em detrimento aos de Minas e São Paulo. É possível entender “raquíticos” “enfezados” e “retorcidos” trazem um sentido de algo doente, sem força vital; oposto a “garbosas” e “elevadas” que remetem a algo nobre e grandioso. Apesar disso, uma das características do cerrado são os ciclos de seca que o calor intenso e a falta de chuva provocam e resultam costumeiramente em queimadas:

Soprem então as auras com mais força, e de mil pontos, a um tempo, rebentam sôfregas labaredas que se enroscam uma nas outras, de súbito se dividem, deslizam, lambem vastas superfícies, despedem ao céu rolos de negrejante fumo e voam, roncando pelos matagais de tabocas e taquaras, até esbarrarem de encontro a alguma margem de rio que não possam transpor [...] (Taunay, 2010, p. 9).

O narrador reforça a capacidade de força vital quando destaca o sentimento de tristeza que fica nestes campos pós-incêndio e que depois ressurgem a beleza com o renascimento e o sentimento de esperança pós as chuvas, com o tom de verde vívido e os cheiros.

Além da flora, também é destacada a fauna com a descrição de algumas espécies de aves como as encantadoras e barulhentas araras, a pairar sobre as palmeiras, espécies de plantas como os buritis, ipês e reitera as leis naturais que regem a fauna do sertão mato-grossense. Assim, este espaço amplo é demarcado pelas qualidades de resistência, beleza, nobreza; enfim, valor caro aos ideais românticos em relação à natureza.

Se no âmbito do sertão haverá uma marca de identidade que valoriza aquele espaço; em relação à Vila de Sant'ana, mostrará a precariedade. O contra ponto talvez demonstre que o sertanejo guarda uma relação direta com o sertão porque resiste à distância da "civilização". Isso fica evidente quando Cirino, o doutor, vê a falta de recursos básicos, como remédios e outros artigos simples, naquelas redondezas, ou quando percebe a dificuldade em visitar os doentes afastados. Sertão e sertanejo são fortes e nobres por serem capazes de resistir à distância e ao tempo que será gasto para buscar os recursos. A falta de acesso e as dificuldades daquela localidade chocam com a realidade de Cirino, que vive no litoral e possui outra perspectiva em relação ao espaço e ao tempo porque acreditava que a inesperada viagem duraria bem menos.

Os espaços do sertão também são desbravados e fundados por homens de tradição religiosa refletida no nome dado a Vila, Santa Ana, as cidades da redondeza hoje conhecidas por Aparecida do Taboado, Santa Clara, Santa Rita e Santa Fé.

A vila é descrita a partir do olhar deste homem urbano, que ao chegar, a define como excêntrica e curiosa. O que chama bastante atenção naquele espaço é a centralidade da modesta igreja com sua cruz como marca da forte religiosidade presente. E nisso, ele mostra a configuração daquele espaço

rodeado por laranjais, casas simples e ruas de pedras e, com certo deboche, mostra o contraste da vila com a imponente casa do major:

Transposto límpido regato e vencida pedregosa ladeira com casinhas de sapé à direita e à esquerda, chega-se à rua principal, que tem por mais grandioso edifício espaçosa casa de sobrado, construção antiquada. Ornamenta-a uma varanda de ferro e um telhado que se adianta para a rua, como a querer abrigá-la em sua totalidade dos ardores do sol. (Taunay, 2010, p.121).

Assim, o espaço caracteriza os valores daquele lugar, qual sejam a religião e o poder das pessoas. A casa do major é a demonstração do poder político, econômico e cultural da época, e também uma forma, de se distanciar e distinguir-se do povo, pois um participante da vida na corte do Rio de Janeiro não é um simples sertanejo.

Neste sentido, o narrador traz algumas características do povoado com a seguinte passagem:

De vez em quando, naquela silenciosa rua em que tão bem se estampa o tipo melancólico de uma povoação acanhada e em decadência, aparece uma ou outra tropa carregada, que levanta nuvens de pó vermelho e atrai às janelas rostos macilentos de mulheres, ou à porta crianças pálidas das febres do Rio Paranaíba e barrigudas de comerem terra (Taunay, 2010, p. 121).

Com esta descrição, o olhar do narrador aproxima-se e confunde-se ao olhar cientificista da personagem, que projeta um olhar de inferioridade e atraso à vila, causado pelo estranhamento a diferença de realidades culturais. A partir de Cirino que a vila revela seu o modo de vida, costumes locais e suas excentricidades. Vemos a religiosidade com o hábito de frequentar as missas aos domingos e os trajes das mulheres que se cobrem até aos pés; assim como a falta de privacidade e o olhar vigilante das pessoas com a forma como cuidam e se interessam pela vida alheia e fazem fuxicos.

Em contra ponto a casa do Major, a casa de Pereira é simples como o sertanejo; é um espaço de hospitalidade e fartura, demonstrada pela quantidade de animais, porcos, galinhas que são criados no rancho. As características do homem, pobre, firme e tosco está associado ao lar quando o narrador o descreve:

Consistia a morada de Pereira num casarão vasto e baixo, coberto de sapé, com uma porta larga entre duas janelas muito estreitas e mal abertas. Na parede fora da vertical, grandes rachas longitudinais mostravam a urgência de sérias reparações em toda aquela obra feita de terra amassada e grandes paus a pique [...] (Taunay, 2010, p.28).

O olhar apresenta valores de alguém da cidade, pois destaca a necessidade de reparações e não o sentimento do sertanejo marcado pela porta larga, símbolo de hospitalidade, e pelas janelas estreitas e mal abertas, característica de quem gosta de espiar, mas não gosta de ser observado.

Pereira acolhe o viajante e deixa sua casa a disposição; apesar de não deixar que o médico entre no quarto da filha sem antes fazer várias recomendações. Então, a hospitalidade para com viajantes é tão importante que é destinado um cômodo exclusivamente aos hóspedes, porém sem nenhuma relação com a casa que fica mais ao interior do rancho.

A falta de tecnologia, olarias, recursos financeiros e acessibilidade resultam na forma como a casa da personagem Pereira é feita:

Era de barro compacto e socado o chão desta sala, vendo-se neles sinais de que, às vezes, ali se acendia fogo: pelo que estavam o sapé do forro e o ripamento revestido de luzidia e tênue camada de picumã que lhes dava brilho singular como se tudo fora jacarandá envernizado [...] (Taunay, 2010, p. 28).

Além do quarto de hóspedes, situado à frente, o quarto da personagem Inocência, filha do sertanejo, possui uma configuração específica, pois também separado da casa, mas, localizado aos fundos, demarcam a clausura em que

viviam as mulheres de famílias cristãs e sertanejas no final do século XIX, evidenciado pelo capítulo VI, Inocência:

E saindo da sala, acompanhou Pereira, que o fez passar por duas cercas e rodear a casa toda, antes de tomar a porta do fundo, fronteira a magnífico laranjal, naquela ocasião todo pontuado das brancas e olorosas flores. (Taunay, 2010, p. 35).

As duas cercas já demarcam a barreira que protege algo muito valioso, mas o magnífico laranjal revela algo muito significativo, pois tradicionalmente, a flor de laranjeira é considerada o símbolo da pureza, da castidade e da inocência. A simbologia das brancas e olorosas flores, por outro lado, sugerem pelo odor e pela cor o espaço intervalar para um espaço sagrado, de pureza e imaculabilidade, onde se situa a personagem Inocência.

Quando Cirino adentra o quarto da filha do mineiro, era quase noite. Apesar de que naquela época não havia luz elétrica, a falta de iluminação conduz a uma atmosfera mística, de mistério que contribui para o ambiente romântico. Cirino enxerga os móveis velhos, a cama, alta e larga feita de tiras de couro e a doente, através da luz da vela de sebo. A cama é descrita como um altar e se imagina alguém pálida.

Assim como na tradição cristã, quando as velas eram usadas nas cerimônias realizadas nas catacumbas com finalidade prática de iluminar os livros e textos a serem lidos nas cerimônias litúrgicas; no romance este é o sentido primeiro, ou seja, poder visualizar o espaço interno do quarto. Entretanto, a vela simbolicamente revela quem tem olhar claro e coração puro. Se a vela é feita de sebo, tendo, no seu interior, um barbante, chamado de “alma” da vela porque ao se colocar fogo no pavio, o fogo vai consumindo a vela produzindo luz e calor; na narrativa, o corpo de Inocência é branco como o “sebo” e sua alma pode ser simbolizada pelo pavio da vela, pois também durante o enredo queimar e se apagará. Assim como o fogo da vela a vai consumindo, assim também o fogo da “verdade católica” vai consumindo a

protagonista, fazendo com que ela gaste sua vida, para produzir luz e o calor para os homens da vila de Sant'Ana.

Ao descrever o quarto pouco arejado, nota-se novamente a ideia de proteção e revela a solidão em que vivia Inocência. Cirino é quem vem trazer a luz, o calor para aquela menina. Isso fica evidente quando sugere que colocassem a cama no sentido do sol, pois atribui a doença da menina ao fato de ser tão branca. Se no âmbito cristão o Sol é considerado símbolo da ressurreição; na perspectiva racionalista é representação de vida, de conhecimento e de paixão. Assim, a cama une os dois sentidos, quais sejam, tanto simboliza um nascer para Inocência como também representa que este nascer está relacionado à paixão por Cirino, sujeito do saber e da luz. A protagonista pela clausura e pelo fato de ser analfabeta, não é considerada propriamente um sujeito e sim uma Deusa, pois possui uma áurea mística representada pela escuridão em que vivia.

É por meio de uma sombra do quarto que Cirino avista a figura do anão Tico, descrito por Pereira como uma espécie de “cachorro de Nocência” (Taunay, p.39, 2010). Sua função era de vigiar a filha de Pereira, pois não representava perigo à sua honra por ser considerado um ser inferior, sem força e nem vitalidade; atributos indispensáveis aos personagens masculinos românticos.

Se o sol ao iluminar a cama é um nascer para a menina; ao deixar o quarto, Cirino pára na porta para contemplar as primeiras estrelas do céu. Este momento marca a mudança do rapaz, pois a noite, sugere o deslocamento da realidade material do sujeito para a sua subjetividade. Cirino contempla as estrelas e abre-se para o sentimental e em contrapartida a seu cientificismo resultante de sua prática médica, apaixona-se por Inocência. Os jovens ligam-se por serem complementares: a noite e o dia, a luz e a escuridão, o sentimento e a racionalidade tornam-se harmonia, ordem.

Os opostos como a sertão e civilização, desta forma, mostradas pela incompatibilidade social de Cirino e Pereira são complementares quando

noite/escuridão dia/sol representam os sentimentos de Cirino e Inocência. Este paradoxo, dentro de um espaço patriarcal do sertão com regras rígidas e conservadoras para com as mulheres resulta na associação entre este romance e o clássico Romeu e Julieta de William Shakespeare. Ocorre que na tragédia as famílias são inimigas enquanto na narrativa são os espaços do interior e da cidade que produzem duas formas distintas de olhar para o mundo.

Esta incompatibilidade é o centro do romance. De acordo com as personagens que compõem o enredo, temos dois tipos de visões de mundo diferentes, a urbana que está relacionada à ciência e às letras; e a sertaneja, que está relacionada aos valores cristãos. Neste sentido, a personagem Cirino representa o mundo científico, moderno, em que seu próprio modo de se vestir demonstra tal refino:

A sua fisionomia e maneiras de trajar denunciavam de pronto que não era homem de lida fadigosa e comum ou algum fazendeiro daquelas cercanias que voltasse para casa. Trazia na cabeça um chapéu-do-chile de abas amplas cingido de larga fita preta, sobre os ombros um poncho-pala de variegadas cores e calçava botas de couro da Rússia bem feitas e em bom estado de conservação (Taunay, 2010, p.15).

Percebe-se com o trecho anterior que Cirino é um homem cosmopolita, viajado, que tinha acesso a bens de consumo de alto valor e requinte e, por isso, se distinguia do espaço sertão. Além disso, por meio do narrador, é possível perceber sua pouca idade, tratado pelo primeiro nome Cirino, seus modos e cuidados com a sua aparência refletem o homem urbano: “Tinha quando muito 25 anos, presença agradável, olhos negros e bem rasgados, barba e cabelos cortados quase à escovinha e ar tão inteligente quanto decidido” (Taunay, 2010, p.15). Nascido na província de São Paulo pertencia a uma família de classe social abastada, filho de um boticário e administrador do correio, entretanto, criado pelo seu padrinho, de tipo conservador e sistemático, mas intelectual e leitor de boa literatura. Por influência do seu padrinho, estudou em colégio jesuíta, de boa qualidade, até ser expulso com 18 anos

completos. Este fato é fundamental porque demarca em sua maioria um processo de desligamento dos valores religiosos e, conseqüentemente, uma visão mais racional e científica do mundo.

O contraste entre os dois personagens é revelado a partir do encontro na estrada de Cirino, homem da cidade, com Pereira, o sertanejo. Essas diferenças sociais e culturais são sempre bem marcadas, pois são através delas que é apresentado o universo do sertanejo. Como no trecho a seguir:

Por isso que em breve ao seu lado emparelhou outro viajante, escanchado num cavallinho feio e zambro, mas muito forte, o qual, coberto como estava de suor, mostrada ter vindo quase a galope. Homem já de alguma idade, o recém-chegado era gordo, de compleição sanguínea, rosto expressivo e franco. Trajava à mineira e parecia como realmente era, morador daquela localidade (Taunay, 2010, p.16).

Diante desse trecho, nota-se que a aparência de Pereira, já está maltratada, envelhecida ou descuidada, o que define o seu modo de vida ser mais rude e de alguém que se sustenta por meio de um trabalho braçal, agrário. Outras características do homem sertanejo, por viver isolado de qualquer “civilidade”, são chamadas pelo narrador de uma fisionomia alegre, tagarela e bonachã.

O narrador conta que o Pai de Pereira possuía alguma coisa de sua, era honesto, e, além disso, tinha outros seis filhos. Pereira casou muito cedo, foi proprietário de uma lojinha de ferragens, possuía três escravos, perdeu a mulher há muito tempo e vivia há 12 anos naqueles fundões. A caracterização do sertanejo se opõe frontalmente a de Cirino e apresenta os valores do povo que vivem naquele interior.

De acordo com Vicentini apud Machado (2013, p.68), Pereira é a personagem que conduz à narrativa e que representa os valores patriarcais em que suas crenças são aquilo que ele tem de mais significativo, já que faz parte de uma cultura de tradição oral, onde as crendices são passadas de gerações

em gerações. É analfabeto, não tem contato com o mundo das letras e da escrita, é por este motivo que defende tais valores com veemência. Outro, elemento, de diferenciação cultural, se dá pela língua, ao constituir os valores dos sujeitos revelam as particularidades de suas identidades culturais. As falas de Pereira são carregadas de frases proverbiais que remetem a um sujeito muito religioso e conservador como, por exemplo: “Deus esteja convosco”, “é um Deus nos acuda”, “Deus de tal me defenda”, “que Deus lhe dê a glória”, “Deus o ouça” etc.

O alemão Meyer serve de contraponto entre Cirino e Pereira. Aproxima-se do sertanejo pela honestidade, uma vez que Cirino possuía indícios de charlatanismo, talvez herdado de seu um padrinho que se utilizou de suas habilidades intelectuais para tirar proveito de uma boa educação para o sobrinho; por outro lado, Meyer é educado, pertence a um país mais avançado cientificamente e com outro tipo de formação social. Neste sentido, a natureza não serve como representação, mas como objeto de conhecimento; assim como em relação ao corpo feminino não exprime conservadorismo, mas sim, um olhar natural (Vicentini apud Machado, 2013, p. 70).

Isso fica evidente quando Inocência é tratada por Meyer. Apesar de sua boa aparência, pois o alemão é descrito como um homem de rosto juvenil, muito alto, magro e loiro, tranquilamente elogia a beleza da filha para Pereira: “Sua filha é muito bonita, muito bonita, e parece boa deveras... há de ter umas cores tão lindas, que eu daria tudo para vê-la com saúde... Que moça! Muito bela!” (Taunay, 2010, p. 64).

Esta atitude demonstra um sujeito não acostumado com as convenções sociais daquele espaço do sertão. O que fica evidente quando comenta sobre os costumes do homem sertanejo para com as mulheres:

Aqui, no sertão do Brasil, há o mau costume de esconder as mulheres. Viajante não sabe de todo se são bonitas, se feias, e nada pode contar nos livros para o conhecimento dos que leem. Mas, palavra de honra, senhor Pereira, se todas se parecem com esta sua

filha, é coisa muito e muito digna de ser vista e escrita! (Taunay, 2010, p. 64).

Tais palavras revelam um sujeito observador que está ali para conhecer e analisar aquele universo. Meyer está interessado em entender melhor sobre aquele grupo étnico e valorizar o fenótipo das mulheres sertanejas. Cirino, por sua vez, olha Inocência com olhar de desejo de um homem por uma mulher:

Era o nariz fino, um bocadinho arqueado, a boca pequena, e o queixo admiravelmente torneado. Ao erguer a cabeça, para tirar o braço de sob o lençol, descera um nada a camisinha de crivo que vestia, deixando nu um colo de fascinadora alvura, em que ressaltava um ou outro sinal de nascença (Taunay, 2010, p. 36).

Diante de Inocência, Cirino se encanta por sua ingenuidade, mas olha para o corpo de forma sexualizada, ao se prender em aspectos como a boca e o colo nu. Também, presta muita atenção nos traços do seu rosto, nas suas marcas de nascença. Tal olhar revela uma mulher e o desejo da conquista. Em contra ponto, Pereira vê a filha como uma Deusa e que precisa ser protegida dos olhares profanos daqueles que querem tirar a sua inocência, ou seja, projeta nela a imagem da mulher-anjo, santa, sublime e intocável:

Neste lugar- disse o mineiro apontando para o pomar, todos os dias se juntam tamanhos bandos de graúnas, que é um barulho dos meus pecados. Nocencia gosta muito disso e vem sempre coser debaixo do arvored. É uma menina esquisita... (Tauany, 2010, p. 35).

Esta passagem remete ao pomar no sentido bíblico reforçado pela expressão “pecado”. Os pássaros simbolizam a inteligência, a sabedoria e a liberdade aspectos caros aos românticos, mas não para as mulheres; aliás é preciso lembrar que foi a Eva a responsável pela curiosidade de Adão e, conseqüentemente, a culpada do pecado original, ou seja, o ato de Inocência pode ser entendido como o articular, agir como Eva e coser debaixo da árvore do conhecimento que expulsou o homem do paraíso. A Graúna, por sua vez,

guarda o sentido nacional porque seu nome (derivado do tupi “guira-una”=ave preta) relaciona-se a outro pássaro preto, o corvo. Se não há uma simbologia específica para a Graúna, mas popularmente, o corvo é interpretado como o sinal místico de mau presságio e simbolicamente é relacionado com o mau agouro, a morte, o azar e com outros elementos obscuros e sombrios. No entanto, o corvo também pode simbolizar algumas características positivas, como a sabedoria, a astúcia e a fertilidade; elementos que Pereira não quer incorporado a sua filha. Assim, o barulho das graúnas se refere ao medo que Pereira tem da filha perante o saber e desejo, marcas que a menina encontra em Cirino.

O temor do pai está relacionado a perda da inocência da filha. Isso fica evidente quando descreve a menina e sua comunhão divina com a natureza:

E se o senhor visse os modos que tem com os bichinhos?!...parece que está falando com eles e que os entende... uma bicharia, em chegando ao pé de Nocência, fica mansa que nem ovelhinha parida de fresco... (Taunay, 2010, p.36).

Inocência tem que seguir as regras do sertão que cerceiam a liberdade feminina a partir da tradição religiosa: “minha filha, enquanto solteira, honrou o nome dos pais... o Manecão que se aguenta quando a tiver por sua” (Taunay, 2010, p.33). Tal afirmação mostra como a mulher é um objeto, pois não é dona de si mesma. A ausência de falas e sentimentos de Inocência demonstra que a mulher naquele universo serve como uma propriedade do pai e depois do seu marido; não tem desejos e sua virgindade é tida como o prêmio de uma conquista. Assim, o espaço do sertão predomina uma visão religiosa na qual a mulher é um ser a ser protegida daqueles que querem tirá-la do seu estado de paraíso.

3. UMA LEITURA DA TERCEIRA MULHER

De acordo com Zinani apud Schmidt (2013, p.31) aponta que para a desarticulação do discurso hegemônico masculino é necessário primeiramente se questionar sobre a própria formação do cânone e, em seguida, as demais relações de poder que perpassam os fundamentos epistemológicos da sociedade. Neste sentido, a partir do momento em que a mulher se apropria da narrativa, externando seu ponto de vista, questiona as formas institucionalizadas e passa a refletir sobre a história silenciada das mulheres ela institui um espaço de resistência contra as formas simbólicas de representação, para que, assim, possam ser criadas novas formas representacionais. Dessa forma, é possível criar uma ruptura com a tradição da cultura patriarcal, por meio da utilização de um discurso da qual emerge um novo sujeito com outras concepções sobre si mesmo e sobre o mundo.

Deste modo, partir da minha leitura da obra, enquanto mulher que ainda reside no espaço regional, que se encontra no entre espaço entre a tradição religiosa e a tradição acadêmica, do saber, busco neste capítulo, como forma de fazer nascer uma terceira mulher, refletir sobre as marcas de um pensamento patriarcal na contemporaneidade através das relações entre gênero e ideologia que estão expressas na linguagem. Em relação ao espaço, no romance *Inocência*, o sertão é retratado como um espaço ermo, de mata virgem, onde, hoje, é praticamente tudo urbanizado, com alta produção agrícola e agropecuária, por tal motivo, ocorre o desmatamento e desaparecimento do bioma cerrado.

Hoje há grande facilidade de acesso pelas rodovias, os movimentos dos ciclos de seca permanecem, porém mais longos e onde o clima é cada vez mais quente. Fazendo uma analogia do espaço romanesco com os espaços regionais que retomo nesses escritos as cidades pequenas, como Santa Fé e Jaguarão, que permanecem longe dos grandes centros urbanos, muitas vezes, faltam condições básicas para a vida “civilizada” como médicos e tratamentos,

pois, os doentes são transferidos para outros centros para obterem melhores condições de atendimento. Assim, como no romance, estes espaços ainda são precários e as políticas públicas deixam muito a desejar.

Se o tempo de distanciamento foi encurtado, ainda nos espaços regionais persistem certas marcas como a religiosidade, onde a igreja constitui o espaço central das cidades, como a praça da matriz em Santa Fé e a igreja matriz do Espírito Santo, ou a imponente igreja Imaculada Conceição de Jaguarão. Santa Fé também apresenta um grande crescimento de igrejas evangélicas nos últimos anos. Portanto, esses espaços estão marcados pela tradição religiosa que demonstram um povo ainda muito conservador, onde a educação de base permanece precária, por mais que as universidades já tenham chegado nestes espaços ainda é algo muito novo. Outra marca que ainda permanece, é a da arquitetura como elemento de distinção social, a casa do Major seriam os grandes casarões da cidade histórica de Jaguarão que demonstram o poder exercido por algumas famílias e que foram passados de gerações em gerações. E Santa Fé um condomínio fechado recém-inaugurado seria este símbolo contemporâneo de afastamento. Com a tecnologia de hoje e as facilidades de compra, podemos notar que as casas já não são mais de barro e sim construídas por tijolos, cimento, telha, pelo menos uma grande parte das casas na periferia. O sobrenome também é sinal de distinção social e cultural do prestígio e reconhecimento das famílias nestes espaços. Alguns costumes ainda permanecem no modo de as pessoas se relacionam, tanto a hospitalidade, como no hábito de oferecer um café às visitas; quanto o fuxico, o ato de se falar sobre a vida dos outros.

Os costumes em relação às mulheres no regional tiveram algumas mudanças, que se deram a partir de conquistas da luta feminina, sobretudo no século XX, que foi o direito ao amor, estudar, trabalhar. Entretanto, a igualdade dos papéis de gênero está muito longe de ser alcançada, pois a sociedade patriarcal coloca a mulher em uma relação de inferioridade em relação ao homem. O modo como a menina é ensinada ao recato desde pequena e como

deve ter seu corpo vigiado são marcas que guardam ainda uma identificação com aquele universo do romance. Atualmente, podemos notar o machismo por meio das falas: “Você é uma mocinha. Aprende a sentar”, “Fecha as pernas. Senta direito!”, “Já sabe cozinhar, já pode casar!”, “Vestido curto demais. Tá pedindo”, “A única coisa que você pilota bem é fogão”, “Uma mulher só é completa quando tem filhos”. “É muito bonita pra ser inteligente”. Todas essas afirmações e clichês desumanizam a mulher e a colocam em uma posição de objeto a serviço do patriarcado.

Assim como Inocência era protegida, as meninas também o são para que suas famílias não sejam alvos de comentários e para que elas não envergonhem seus pais, já que, elas são extensões da família. Neste sentido, mulheres independentes e livres ainda são mal vistas, são tidas como egoístas, infelizes ou perdidas, pois ainda temos nosso corpo vigiado, pelo estado, igreja, pais e sociedade. Mesmo com os avanços, ainda temos um estado conservador e uma sociedade vigilante e julgadora; talvez reflexo do ensino ou da tradição familiar que mantêm os valores cristãos e reproduzem papéis sociais de gênero e que não aceitam comportamentos diferentes dos esperados.

4. CONCLUSÃO

Neste trabalho de conclusão procurei mostrar que apesar de o Romantismo ser uma escola na qual idealiza a natureza e os seres, ainda é possível perceber está atitude na contemporaneidade, principalmente no espaço regional. O movimento romântico tinha por princípio criar uma identidade nacional e para isso recuperou a imagem da carta de achamento e mapeou os outros espaços da nação.

Inocência vincula-se ao romance regional e seu enredo demonstra como neste espaço, a religiosidade marca profundamente o comportamento e as regras sociais. Do mesmo modo, notamos que a religiosidade e a natureza são elementos fundadores da nossa cultura que podem apresentar ainda resquícios.

Isso ocorre porque o projeto literário é resultado de um processo histórico anterior ao romance, marcado pela formação religiosa dos escritores e intelectuais e pela proposta destes valores cristãos serem incorporados aos diferentes espaços que compõem a nação, a selva, urbano, regional. O romance romântico apresenta um olhar carregado pelos princípios e valores da tradição religiosa, mas estes valores ainda são presentes em sociedades retiradas dos grandes centros urbanos.

REFERÊNCIAS

TAUNAY, Alfredo d'Escragno. **Inocência**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

CANDIDO, Antonio. **A Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 15. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013.

———. **A Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6. Ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2013/08/117023824-candido-antonio-formacao-da-literatura-brasileira-vol-1-e-2.pdf>>. Acesso em 13 dez. 2018.

———. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002. em: <http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Candido,%20Antonio/O%20Romantismo%20no%20Brasil%20-%20Antonio%20Candido.pdf>>. Acesso em 13 dez. 2018.

———. **A Dois Séculos d'O Uruguai, in Vários escritos**. 2. Ed. São Paulo, Duas Cidades, 1992, p. 161-185.

VICENTINI, Albertina. **O Sertão em Inocência de Taunay**. Outros Tempos, Goiânia, vol. 10, n.15, 2013.

ROIZ, Diogo; VALERIO, Telma. **Entre as Ideias Pedagógicas e as Práticas Educacionais**. Educere et Educare – Revista de Educação, Vol. 5 – Nº 10 – 2º Semestre de 2010.

PIANA, Maria. **Políticas Educacionais: dos princípios de organização à proposta da democratização**. Editora Unesp, São Paulo, Cultura Acadêmica, 2009.

ZINANI, C. J. Albert. **Literatura e Gênero: a construção da identidade feminina**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educus, 2013.